

nº 6 ./. Junho 2025

EQUINÓCIO

Revista da Grande Loja Simbólica de Portugal

“Uma nova Humanidade”

Nicolas Penin

Grão-Mestre do
Grande Oriente de França

Humanidade e Maçonaria

Um diálogo sobre Identidade,
Multiculturalismo e Tecnologia

A Dignidade da Humanidade

Proposta de percurso histórico-filosófico



3. Gnothi Seauton

Humanidade e Maçonaria: Um diálogo sobre Identidade, Multiculturalismo e Tecnologia

A contemporaneidade apresenta-se como um cenário marcado por profundas transformações sociais, culturais e tecnológicas, que desencadeiam desafios interligados, nomeadamente no que concerne à fragmentação identitária, às tensões multiculturais e à precarização das relações laborais em contexto digital. A presente propõe um diálogo entre Humanidade e Maçonaria, analisando de que forma os valores éticos e filosóficos maçónicos – liberdade, igualdade, fraternidade, tolerância e aperfeiçoamento moral – podem contribuir para enfrentar estes desafios, orientando o desenvolvimento humano para uma convivência mais justa, inclusiva e solidária. Fundamentando-se em contributos de autores¹ como Bauman, Hall, Santos, Castells, Antunes, Pais, Chaui, Candau, Kant, Voltaire, Anes e Ventura, defende-se que a Maçonaria, enquanto instituição iniciática e ética, oferece um referencial consistente para a construção de um modelo social

e cultural que articule identidade, multiculturalismo e tecnologia num projeto emancipador.

Palavras-chave: Humanidade; Maçonaria; identidade; multiculturalismo; tecnologia; ética; liberdade; fraternidade; igualdade.

Introdução

A globalização, a digitalização e as interações culturais globais impuseram à Humanidade novos desafios éticos e sociais, cuja complexidade carece de reflexão crítica e ação orientada por valores universais. A fragmentação identitária, as tensões no âmbito do multiculturalismo e a reconfiguração do mundo do trabalho face à revolução tecnológica delineiam um panorama em que as estruturas tradicionais de pertença, convivência e justiça social se veem questionadas (Bauman, 2004; Castells, 2000; Hall, 2006).

¹ Nota no Final sobre os Autores Citados

Neste contexto, a Maçonaria, enquanto instituição filosófica e iniciática, emerge como interlocutora ética fundamental, propondo um conjunto de valores – liberdade, igualdade, fraternidade, tolerância e aperfeiçoamento moral – que se mantêm atuais e pertinentes para a orientação da ação humana (Ventura, 2017; Anes, 2003). A presente propõe, assim, um diálogo entre Humanidade e Maçonaria, estruturada em três eixos centrais: identidade, multiculturalismo e tecnologia, com o objetivo de demonstrar como os princípios maçônicos podem contribuir para a edificação de uma sociedade mais justa, plural e ética.

1. Identidade: Entre a Fragmentação e a Reconstrução Ética

O diálogo entre Humanidade e Maçonaria inicia-se com a questão da identidade, cuja configuração contemporânea se apresenta fragmentada e fluida, resultado das dinâmicas culturais, económicas e tecnológicas da globalização. Stuart Hall (2006) caracteriza o sujeito pós-moderno como portador de “identidades múltiplas e fragmentadas”, configuradas em função das representações culturais e das relações de poder. Esta fluidez, embora promotora de diversidade, tende a gerar dispersão e instabilidade. Neste enquadramento, a Maçonaria propõe-se como um espaço de reconstrução identitária, alicerçada no autoconhecimento e no aperfeiçoamento moral. O princípio iniciático “conhece-te a ti mesmo”, herdeiro do pensamento socrático, constitui-se como um instrumento fundamental para a consolidação de uma identidade ética e consciente (Anes, 2003). Bauman (2004) designa este fenómeno de “modernidade líquida”, sublinhando a volatilidade das pertenças e das referências identitárias.

A Humanidade, neste diálogo, encontra na Maçonaria uma proposta de reconstrução identitária ancorada em valores éticos universais, capazes de equilibrar a liberdade individual com o compromis-

so social. Como observa Chaui (2000, p. 470), “a liberdade é a capacidade de dar sentido novo ao que parecia fatalidade”, sendo este princípio fundamental para a afirmação de uma identidade ética no contexto contemporâneo.

2. Multiculturalismo: Fraternidade e Tolerância na Convivência Global

O segundo eixo deste diálogo entre Humanidade e Maçonaria centra-se na questão do multiculturalismo. A coexistência de múltiplas culturas, credos e tradições em contexto globalizado, embora promissora, não está isenta de tensões, desigualdades e processos de hegemonização cultural (Candau, 2008; Santos, 2006). A diversidade cultural, longe de ser um dado adquirido, carece de um modelo ético que promova a convivência respeitosa e a inclusão. Neste sentido, a Maçonaria propõe o princípio da fraternidade universal, que reúne indivíduos de diferentes origens em torno de valores comuns, sustentando a dignidade humana como eixo central da convivência (Ventura, 2017). Esta prática exige, como defende Voltaire, a adoção efetiva da tolerância enquanto fundamento ético da vida em sociedade, assegurando o respeito pela liberdade de consciência e pela diversidade de pensamento.

A Humanidade, ao dialogar com a Maçonaria, reconhece a alteridade como fonte de enriquecimento mútuo, combatendo, deste modo, a xenofobia, a exclusão e a homogeneização cultural. A fraternidade maçónica constitui-se, assim, como um modelo ético para a convivência global, promovendo o diálogo intercultural e o reconhecimento da diversidade como valor intrínseco à condição humana.

3. Tecnologia e Trabalho: Justiça Social e Igualdade

O terceiro eixo do diálogo incide sobre a tecnologia e o trabalho, dimensões profundamente reconfiguradas pela globalização e pela digitalização. A Humani-

dade, confrontada com a precarização e a flexibilização excessiva das relações laborais, procura modelos que resgatem a dignidade do trabalho face à lógica da eficiência e da exploração (Antunes, 1998; Castells, 2000; Pais, 2013). A Maçonaria, nesta interação, reafirma o valor do trabalho digno e da igualdade enquanto fundamentos éticos da justiça social. O trabalho, na tradição maçônica, transcende a mera atividade económica, sendo compreendido como instrumento de aperfeiçoamento pessoal e contributo para o bem comum (Ventura, 2017). O diálogo entre Humanidade e Maçonaria nesta esfera sublinha que o progresso tecnológico deve estar ao serviço da emancipação humana, garantindo a valorização do trabalhador e a justiça social.

Este diálogo reforça, assim, a necessidade de uma orientação ética da tecnologia, garantindo que a inovação se traduza em progresso humano e social, e não em novas formas de precarização ou desigualdade.

Conclusão: Humanidade e Maçonaria em Diálogo para um Futuro Ético

O diálogo entre Humanidade e Maçonaria, delineado ao longo desta “prancha”, revela-se como uma interação dinâmica e transformadora, estruturada em torno das problemáticas da identidade, do multiculturalismo e da tecnologia. A Humanidade, interpelada pelos desafios contemporâneos, procura na Maçonaria um interlocutor ético capaz de oferecer orientação, sentido e princípios universais.



No plano identitário, o autoconhecimento e o aperfeiçoamento moral sustentam uma construção ética do sujeito, capaz de resistir às forças de fragmentação. No âmbito do multiculturalismo, a fraternidade e a tolerância oferecem um modelo de convivência respeitosa e integradora, que reconhece a diversidade como valor. No domínio da tecnologia e do trabalho, a igualdade e a justiça social orientam o uso da inovação em benefício da dignidade humana e da equidade.

Conclui-se, assim, que este diálogo entre Humanidade e Maçonaria se concretiza como um projeto partilhado de emancipação social, cultural e tecnológica, no qual ambos os polos se entrelaçam na construção de um futuro ético, solidário e fraterno.

Dissemos.

**Franklin Ary . :
e, Nuno Mergulhão . :**

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS PARA APROFUNDAMENTO

- ANES, José Manuel. A Maçonaria: Escola de Formação Moral e Cívica. Lisboa: Ésquilo, 2003.
- ANTUNES, Ricardo. Os sentidos do trabalho: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho. São Paulo: Boitempo, 1998.
- BAUMAN, Zygmunt. Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.
- CANDAU, Vera Maria. Multiculturalismo e educação: desafios para a prática pedagógica. In: MOREIRA, Antônio Flávio; CANDAU, Vera Maria (Orgs.). Multiculturalismo: diferenças culturais e práticas pedagógicas. Petrópolis: Vozes, 2008.
- CASTELLS, Manuel. A sociedade em rede. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2000.
- CHAUÍ, Marilena. Convite à Filosofia. Lisboa: Edições Ática, 2000.
- HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. 11.ª ed. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2006.
- KANT, Immanuel. Resposta à Pergunta: O que é o Iluminismo? Lisboa: Edições 70, 2010 [1784].
- PAIS, Jorge Ferreira. Trabalho, Precariedade e Ação Coletiva em Portugal. Lisboa: Mundos Sociais, 2013.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. A gramática do tempo: para uma nova cultura política. Porto: Afrontamento, 2006.
- VENTURA, António. História da Maçonaria em Portugal: das origens ao presente. Lisboa: Círculo de Leitores, 2017.
- VOLTAIRE. Tratado sobre a tolerância: por ocasião da morte de Jean Calas. Lisboa: Relógio D'Água, 2015.

NOTA FINAL SOBRE OS AUTORES CITADOS

- José Manuel Anes: Investigador português, especialista em esoterismo, simbologia e Maçonaria, autor de diversas obras que exploram a dimensão ética e cívica da Maçonaria.
- Ricardo Antunes: Sociólogo brasileiro, referência nos estudos sobre sociologia do trabalho, com especial foco nas transformações contemporâneas das relações laborais e na precarização.
- Zygmunt Bauman: Sociólogo polaco-britânico, reconhecido pelo desenvolvimento do conceito de "modernidade líquida", analisando a fluidez e fragilidade das relações sociais na globalização.
- Vera Maria Candau: Educadora e investigadora brasileira, com estudos sobre multiculturalismo e educação, promovendo a valorização da diversidade cultural em contextos pedagógicos.
- Manuel Castells: Sociólogo espanhol, figura central nos estudos sobre globalização, redes digitais e as novas formas de organização social no contexto tecnológico.
- Marilena Chauí: Filósofa brasileira, com contributos significativos em filosofia política e ética, enfatizando a liberdade e a emancipação como fundamentos da ação humana.
- Stuart Hall: Sociólogo e teórico cultural jamaicano-britânico, pioneiro nos estudos culturais, com destaque para a análise da identidade, globalização e multiculturalismo.
- Immanuel Kant: Filósofo alemão, central no pensamento iluminista, defensor da autonomia da razão e da liberdade de pensamento, influenciando profundamente os valores éticos modernos e maçônicos.
- Jorge Ferreira Pais: Sociólogo português, especialista em sociologia do trabalho, com ênfase nas questões da precariedade e flexibilização das relações laborais em Portugal.
- Boaventura de Sousa Santos: Sociólogo português, conhecido pelos seus estudos sobre globalização, epistemologias do sul e justiça social, promovendo modelos alternativos de convivência cultural e política.
- António Ventura: Historiador português, referência na investigação sobre a história da Maçonaria em Portugal, com vasta obra sobre a evolução e impacto social da instituição.
- Voltaire (François-Marie Arouet): Filósofo e escritor francês do século XVIII, símbolo do Iluminismo, defensor da liberdade de expressão, da tolerância religiosa e dos direitos humanos.

EQUINÓCIO



GRANDE LOJA
SIMBÓLICA DE PORTUGAL
MAÇONARIA PORTUGUESA
